

Cidade quer atrair as pedras

por Luiza Pastor
de Brasília

A poucos quilômetros das principais jazidas de pedras coradas de Goiás e a uma distância estratégica das minas e garimpos de pedras preciosas e semi-preciosas de Minas Gerais e dos estados do Norte e Nordeste, Brasília tenta há anos firmar-se como capital gemológica do País. Agora, com a implantação do pólo de alta tecnologia no setor industrial Bernardo Sayão, no Distrito Federal, os empresários do setor retomam os projetos tantas vezes adiados e, apesar das dificuldades econômicas de um momento de recessão, procuram organizar-se para proteger seus interesses e aperfeiçoar a atividade na região.

Um dos principais passos já dados nesse sentido foi a criação da Coopergemas, uma cooperativa que tem, entre outras funções, a missão de tentar imprimir o máximo de seriedade a um setor onde a informalidade ainda predomina.

A Coopergemas nasceu da evolução do trabalho realizado por uma comissão criada dentro da Associação Comercial de Brasília e tem entre seus principais mentores o empresário Lindberg Aziz Cury, que foi secretário de Indústria

e Comércio durante o governo de José Aparecido em 1988. "Além de estar perto das jazidas, Brasília tem vocação natural para gemologia, por ser sede do governo federal, do Itamaraty, das embaixadas, enfim, de tudo o que se precisa para divulgar internacionalmente a imagem de centro produtor e exportador de gemas e até de jóias", explica Cury.

Com o objetivo de incentivar essa faceta da cidade, a comissão promoveu, em abril de 1988, a I Expogema. Durante a feira, foram anunciadas a redução da alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para a exportação de gemas, de 17 para 2,6%, e a criação do Documento Especial de Exportação (DEE), com o objetivo de simplificar as vendas ao exterior. Com o DEE o empresário só precisa preencher a guia, que, carimbada, passa a valer como a antiga guia de exportação, eliminando trâmites burocráticos. Durante a I Expogema foi assinado ainda um convênio com a Empresa de Correios e Telégrafos (ECT) para transportar pedras com seguro a qualquer lugar do mundo.

Segundo cálculos da comissão de gemologia, o Brasil, na época, exportava algo em torno de Cr\$ 1,5



Lindberg Aziz Cury

bilhão por ano em gemas. Esse é o montante que se estima seja vendido efetivamente para o mercado internacional até hoje. Só que, em 1988, os registros oficiais contabilizavam vendas de apenas Cr\$ 100 milhões. Com os incentivos e a agilização da tramitação burocrática, a receita oficial chegou ao dobro — muito distante, ainda, dos valores reais de exportação, dominada pela informalidade e o contrabando.

A ilegalidade, na prática, é um problema do setor em todo o mundo — afinal, trata-se aqui de pequenos volumes e altos valores. No Brasil, entretanto, os próprios empresários admitem que se exagera na dosagem. "Hoje, como está, o

mercado como um todo é muito desestruturado", reclama Walid El Koury Daoud, diretor executivo da Coopergemas. Ele explica que as empresas compram, em geral, pedras esparsas de forma irregular, sem nenhuma garantia de qualidade ou procedência, o que prejudica as tentativas de moralizar o setor. Por outro lado, considera muito difícil obter grandes resultados junto às empresas que trabalham com gemas — e que são, em geral, de pequeno porte — com a atual política tributária. "A margem média de lucro do setor é de 2 a 3%, o que exige que a carga tributária não só para a exportação, mas especialmente para o mercado interno, seja compatibilizada com es-

ses níveis", afirma Daoud. A cooperativa tem entre suas principais atribuições realizar o exame gemológico das pedras encaminhadas pelo cooperado, para o fornecimento do certificado de garantia. Apenas com esse exame, Daoud estima em US\$ 500 mil o valor em pedras falsas retiradas do mercado pela cooperativa só em Brasília em um ano.

O trabalho de avaliação de gemas é dividido em quatro comissões, que analisam separadamente diamantes, esmeraldas, turmalinas e águas-marinhas e ametistas e outras pedras mais baratas. A cooperativa também estabelece o preço de mercado para a pedra levada pelo cooperado.